



## Religião, espiritualidade e saúde: um olhar da logoterapia

### Religion, spirituality, and health: a look through the logotherapy

Thiago Antonio Avellar de Aquino\*

#### Resumo

A vontade por um sentido na vida é um tema comum entre a religião e a filosofia, mas, nos dias atuais abarca também o contexto da saúde. Ademais, a concepção de saúde e salvação vem se aproximando cada vez mais, com o intuito de compreender a totalidade do ser humano no seu adoecimento. O objetivo do presente artigo é apontar a perspectiva da Logoterapia de Viktor Frankl acerca da religiosidade e da espiritualidade e suas expressões no contexto da saúde. Para tanto, realizou-se uma revisão da literatura das principais obras do autor. Abordam-se os conceitos de sentido na obra de Frankl assim como os de saúde, religião, religiosidade e espiritualidade. Por fim, ilustram-se algumas casuísticas que retratam a expressão da religiosidade como dimensão saudável do espírito humano em diferentes aspectos existenciais. Conclui-se que, embora a psicoterapia e a teologia se encontrem em níveis distintos, de acordo com o pensamento de Viktor Frankl, a espiritualidade humana emerge como uma força salvífica.

**Palavras-chave:** Religião. Espiritualidade. Logoterapia. Saúde.

#### Abstract

The willingness for a meaning in life is a mutual theme between religion and philosophy, notwithstanding, in the present days this matter also involves the context of health. Furthermore, the concept of health and salvation is getting closer and closer, in order to better understand the totality of the human being in their illness. The purpose of this paper is to point out Frankl's logotherapy perspective on religiosity and spirituality, as well as its expressions in the human health context. Thus, a meticulous literature review has been conducted among Frankl's main writings. The concepts of meaning within Frankl's work have been approached as well as those regarding health, religion, religiosity, and spirituality. Finally, detailed clinical case records are presented as expression of religiosity in a healthy dimension of the human spirit in different existential aspects. It has been concluded that, although psychotherapy and theology are at distinctive levels, according to Viktor Frankl's thoughts, human spirituality may emerge in some situations as a saving power.

**Keywords:** Religiosity. Spirituality. Logotherapy. Health.

---

Artigo submetido em 27 de agosto de 2019 e aprovado em 6 de setembro de 2022.

\* Doutor em Psicologia pela UFPB. Professor Associado da UFPB. País de origem: Brasil. E-mail: logosvitae@ig.com.br

## Introdução

O interesse na relação entre “saúde” e “salvação” reside na constatação de que ambas as palavras pertencem à mesma família etimológica (RIES, 1998). Entretanto, na modernidade, essa raiz comum foi desconectada, o que suscitou um movimento de religação (*religere*) para que ocorresse um processo de uma autêntica reumanização. Nos primórdios, as práticas de curas xamânicas unificavam o papel do sacerdote e do médico na figura dos curandeiros, estes poderiam adentrar em um universo paralelo para ajudar a encontrar a alma perdida do consulente. A finalidade da existência é assim a chave para compreensão da relação entre religião e saúde tendo em conta que

a função de qualquer sistema de saúde de uma sociedade está essencialmente vinculada às convicções filosóficas de seus membros sobre a finalidade da própria vida. Para as culturas xamânicas, essa finalidade é o desenvolvimento espiritual (ACHTERBERG, 1996, p. 25).

Hodiernamente, cada vez mais pessoas consultam os psiquiatras e psicoterapeutas para aplacarem suas angústias existenciais, questões que outrora eram demandadas aos sacerdotes e xamãs. Nessa perspectiva, “Apenas àqueles que não conhecem nem um chamado interno, nem uma doutrina externa, cabe verdadeiramente um destino desesperador” (CAMPBELL, 2007, p. 30). A questão do sentido da vida também foi objeto de reflexão filosófica de Albert Camus:

[...] vejo que muitas pessoas morrem por achar que a vida não vale a pena ser vivida. Vejo outras que paradoxalmente se fazem matar pelas ideias ou as ilusões que lhes proporcionam uma razão de viver o que se chama uma razão de viver é, ao mesmo tempo, uma excelente razão de morrer. (CAMUS, 1989, p. 23-24).

Dessa forma, questiona-se: qual o papel da religiosidade e da espiritualidade no contexto da saúde? Ademais, a indagação pelo sentido da vida parece ser uma pergunta legítima também no contexto da saúde e da doença, sobretudo na condição do *homo patiens*, tendo em conta que o sofrimento e a enfermidade são disparadores de inquietações existenciais e podem promover uma ascese. Nessa direção, um dos teóricos que mais abordou essa temática foi o psiquiatra vienense Viktor Emil Frankl (1905-1997), que constituiu uma perspectiva terapêutica a qual foi denominada de Logoterapia e Análise

Existencial – escola de psicoterapia de Viena centrada no sentido de vida – que será abordada no tópico seguinte.

## **1 Logoterapia: o sentido como princípio**

A logoterapia é compreendida como uma psicoterapia centrada no sentido da vida e, por conseguinte, adentra no espiritual do ser humano. Foi constituída para uma problemática atual denominada de vazio existencial, ou seja, endereçada para aquelas sensações de tédio e apatia derivadas de uma ausência de sentido e valor na vida.

Toda e qualquer orientação em termos de sentido, porém, é difícil para o homem de hoje. Ele tem o suficiente daquilo de que ele pode viver, mas não conhece quase nada pelo que ele conseguiria viver. Em uma palavra, ele sofre de um sentimento de ausência de sentido. (FRANKL, 2012, p. 248).

Por esse motivo, a logoterapia parte do espiritual, posto que é nesta dimensão que ocorrem os fenômenos da existência humana e, por conseguinte, seria considerada a mais saudável, com um potencial terapêutico. Ademais, constatou que o encontro e a realização de um sentido na vida (*logos*) possuem efeitos terapêuticos. A outra face da moeda é a análise orientada para a existência, ou seja, aquela análise que desvela o poder-ser de cada pessoa em seu aspecto biográfico, clarifica, assim, o movimento espiritual do ser em sua autocriação, o que se dá por meio da passagem das potências (possibilidades de ser), latentes na vida, para a existência. Incontestavelmente, a vida se constitui de perguntas e o ser humano é aquele que deve responder as suas demandas, logo, é imperativo considerar a unidade radical entre o homem e o mundo (FRANKL, 1978).

A concepção de ser humano do seu sistema de pensamento se fundamenta em três conceitos interrelacionados: 1) a liberdade da vontade, 2) a vontade de sentido e 3) o sentido da vida. O primeiro corresponde a uma imagem de homem que considera que apesar de ser condicionado pelo psicofísico e por circunstâncias ambientais o ser humano é, em última instância, um ente que responde e decide quem ele será, configurando-se como senhor do seu próprio destino. O segundo diz respeito a motivação primário e genuína do ser humano, a qual, se for frustrada, pode levar ao adoecimento, o que fundamenta uma

ciência de cura. Por fim, o último conceito, refere-se a imagem de mundo ou a sua cosmovisão, trata-se do sentido último e incondicional que permanece oculto e desconhecido no seio do universo (FRANKL, 2011; LUKAS, 1989).

Inicialmente, torna-se pertinente distinguir os sentidos do sentido na obra de Frankl (2013). Esse autor apontou três perspectivas para o termo sentido (*sinn*): sentido na vida, sentido da vida e sentido do mundo. O primeiro diz respeito ao sentido do momento, pois, latente em cada situação, o ser humano pode desvelar a um valor (a exigência do momento) por meio da consciência (*Gewissen*). O segundo significado do sentido, o sentido da vida, é algo mais amplo e, por esse motivo, apenas pode ser compreendido quando a vida se desdobra em sua totalidade, desde a concepção até a morte. Por fim, o sentido do mundo (cosmos) estaria além da compreensão racional, adentrando na perspectiva da fé ou intuição no sentido incondicional da vida. De tal modo, indaga o autor:

Será que o significado último da vida não se revela também (quando se revela) só no seu final, a um passo da morte? E será que também esse sentimento final não depende do sentido potencial de cada situação particular ter sido realizado da melhor maneira possível, de acordo com o conhecimento e as crenças do indivíduo? (FRANKL, 2010, p. 167).

Frankl compreende que, assim como o animal não pode adentrar na dimensão humana, o ser humano também não pode adentrar na dimensão supra-humana, apenas pode confiar, posto que há uma compreensão pré-reflexiva para o sentido em conformidade com a categoria transcendental em seu espírito.

Dos três significados de sentido, a prática da logoterapia se direciona especificamente para o sentido na vida. Em outras palavras, não é suficiente ter a consciência de que há um sentido incondicional, mas é imperativo descobrir quais os sentidos que fundamentam a própria existência. Esta é a área de atuação da logoterapia, pois ela se constitui a partir de uma terapia centrada no sentido da existência.

Já a perspectiva do sentido da vida, poderia abarcar a cura médica de almas e o sentido do cosmos poderia se relacionar com as cosmovisões religiosas, como, por exemplo, o xamanismo considera que há um universo paralelo ao qual

o curandeiro teria acesso a essa realidade não-ordinária. A logoterapia, por sua vez, compreende um suprasentido que integra todos os sentidos na vida e não pode ser acessível racionalmente, mas apenas intuído por meio da fé (FRANKL, 1992).

De forma geral, o sentido ajuda o ser humano a se conectar com os valores transcendentais da existência, tais como: a verdade, o belo e o ético (FRANKL, 2010). O espírito humano seria atraído naturalmente por valores hierarquicamente mais elevados, demandados da vida e do mundo, no aqui e agora (*hic et nunc*). Na medida em que o ser humano realiza sentidos e valores, fortalece a sua vitalidade psicofísica, por esse motivo, o núcleo espiritual seria a dimensão saudável e salvífica, como será mais bem compreendido a seguir.

## **2 O que é saúde para a logoterapia?**

A vontade de sentido, um dos conceitos fulcrais, constitui, segundo a logoterapia, um valor de sobrevivência assim como é promotora de resiliência (FRANKL, 1989a, 2011). No livro *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche (2017) indaga: “tendo seu porquê da vida, o indivíduo tolera quase todo como?” (p. 10). Frankl (2010), após a experiência como prisioneiro comum nos campos de concentração, retoma essa indagação de forma afirmativa, sugerindo que o sentido da vida foi uma condição necessária para a sobrevivência dos prisioneiros no contexto dos campos de concentração nazista.

Nessa perspectiva, Frankl (1989a) define saúde como autotranscendência, ou seja, um dos aspectos antropológicos que compreende que ser humano significa um ser referido a algo ou alguém e não apenas a si mesmo. Em suas palavras, “saúde mental está baseada em certo grau de tensão, tensão entre aquilo que já se alcançou e aquilo que ainda deveria alcançar, ou o hiato entre o que se é e o que se deveria ser” (FRANKL, 2010, p. 129).

Dessa forma, a saúde não seria apenas um estado de total bem-estar, mas uma postura do ser voltada para o mundo dos valores e não se enclausurar no mundo subjetivo em busca do bem-estar como um fim. Frankl (1989a) fez uma analogia com a imagem do telescópio e do calidoscópio. Enquanto o primeiro é

constituído por sua abertura para observar os planetas e estrelas, o segundo representa um sistema fechado em si mesmo. Com a ajuda do telescópio pode observar todos os planetas, exceto um: a própria terra. Assim, o ser humano saudável seria aquele ente que se esquece de si (autotranscendência) na medida em que é absorvido por valores criativos e vivenciais, enquanto que o homem doente psicologicamente é aquele ente que sempre ruma em torno do seu próprio eu (FRANKL, 2011).

A saúde, nessa direção, deve abordar a integralidade da ontologia dimensional (bio-psico-noético) em uma perspectiva da *unitas multiplex*, pois o que é passível de adoecer seriam as dimensões somática e psíquica, mas não a espiritual. Conforme explica, “a pessoa espiritual situa-se, essencialmente, além de toda morbidez e mortalidade psicofísicas” (FRANKL, 1978, p. 172), por esse motivo, deve-se pôr em movimento essa última dimensão para que esta possa catalisar processos curativos de promoção à saúde. A dimensão noológica (noética) ou espiritual é compreendida como a dimensão de onde se originam todos os fenômenos humanos e, por conseguinte, não seria compartilhada com os animais (FRANKL, 1989a). Segundo Elisabeth Lukas,

Na dimensão espiritual localizam-se a tomada de posição, livre, em face das condições corporais e de existência psíquica. Aham-se aí as decisões pessoais da vontade, intencionalidade, interesses práticos e artísticos, pensamento criativo, religiosidade, senso ético (“consciência moral”) e compreensão do valor. (LUKAS, 1989, p. 28-29).

A dimensão corpórea possui uma função instrumental, ou seja, seria um meio para a expressão dos fenômenos noéticos. Frankl (1978) propõe a analogia entre o músico e o instrumento, e o noológico e o psicofísico. Não pode ocorrer o fenômeno da música sem o piano e o pianista, entretanto em algumas circunstâncias o piano pode estar quebrado, mas o pianista se encontra intacto. Da mesma forma, o psicofísico seria uma condição necessária para a expressão da pessoa espiritual. Nessa concepção, o corpo pode adoecer, mas a dimensão espiritual permaneceria saudável. Destarte, conclui o autor que “a dignidade de um homem – de um homem como pessoa – permanece intacta depois da perda da utilidade ocasionada pela desorganização psicofísica da pessoa espiritual” (FRANKL, 1978, p. 119).

Na perspectiva da logoterapia, pode-se compreender que a saúde não seria apenas a ausência de doença, nem muito menos um estado de bem-estar completo, mas a capacidade de transcender para algo ou alguém e realizar valores e sentidos na vida. Assim, o ser humano saudável seria aquele que age no mundo e/ou cria uma obra, vivencia o belo e/ou ama alguém e/ou se posiciona interiormente perante uma situação imutável. Assim, enquanto existir valores em potência existirá vida. Essa ideia é corroborada pela citação de Rudolf Allers feita por Frankl, quando se refere aos motivos de pessoas santas morrerem tão jovens:

[...] Se considerarmos a vida de um Santo Aloísio de Gonzaga, de um São João Berchmans, de uma Santa Tereza do Menino Jesus, ou de sua irmã de ordem não canonizada, mas muito santificada Maria da mais Santíssima Trindade ou Angélica de Jesus, não teria restado mais nada a fazer para essas pessoas aqui na terra. [...] Elas consumaram o que quer que tivesse havido nelas para consumir, elas se consumaram, porque todas as possibilidades valorativas nelas se transformaram em realidades valorativas efetivas. (ALLERS *apud* FRANKL, 2013, p. 229).

Além de que, a saúde não poderia ser definida como ausência de sofrimento, já que este é constitutivo da existência humana. O sofrimento inevitável ainda permanece um mistério para a razão humana. Nessa esteira, Frankl propõe uma postura de humildade:

A única postura própria ao homem em face da problemática de uma *pathodiceia* ou mesmo de uma *teodiceia* é o posicionamento de Jó: que se curvou diante do mistério – e, para além disso, a postura de Sócrates que, em verdade, pretendia saber, mas apenas que: nada sabia. (FRANKL, 2012, p. 144).

Com a tese da incondicionalidade do sentido o autor compreendia que no sofrimento o *homo patiens* poderia encontrar sentido na medida em que se posiciona interiormente perante um destino sofrido. Nessa perspectiva, saúde diz respeito a dimensão espiritual, posto que nela reside a origem de todos os fenômenos especificamente humanos. De forma geral, ampliar essa dimensão e pôr em movimento a busca por um sentido na vida, no sofrimento e na morte seria imprescindível para promoção da saúde. Para tanto, a religiosidade e a espiritualidade poderiam desempenhar um papel relevante, como o leitor poderá constatar nos próximos tópicos.

### 3 Religião, religiosidade e espiritualidade na perspectiva da logoterapia

A obra de Viktor Frankl precisa ser interpretada de forma heurística para desvelar os conceitos latentes em seu pensamento. Dessa forma, podem-se encontrar diferenças entre religião, religiosidade e espiritualidade. A religião se constitui inicialmente por um iniciado ou uma grande alma que descobre novos sentidos, diferente dos valores cristalizados na cultura. Em seguida, este sentido, que anteriormente era pessoal, pode ser compartilhado. Para o autor em foco, “o sentido único de hoje é o valor universal de amanhã. É dessa forma que as religiões são criadas e que os valores evoluem” (FRANKL, 2011, p. 82). Destarte, o ser humano receberia as intuições dos grandes mestres da humanidade como Moisés, Jesus, Maomé e Buda (FRANKL, 2011).

Além do mais, as religiões, de forma geral, se encontram em uma dimensão simbólica. Por esse motivo, Deus, como um ser inominável, seria simbolizado por meio de atributos humanos, ou seja, de maneira antropomorfa, posto que o ser humano é um ente eminentemente simbólico (FRANKL, 1992, 2013). Nessa perspectiva, a religião seria a forma, enquanto que a religiosidade seria o conteúdo. Ambas são movimentos do espiritual no ser humano. Esta perspectiva se assemelha ao apriorismo que, segundo Hessen (1968), apresenta elementos *a priori*, similares a recipientes que dão a forma, enquanto a experiência os preenchem. Dessa forma, as religiões são constituídas por esquemas confessionais constitutivos na cultura, estes, por sua vez são preenchidos por meio da religiosidade pessoal (FRANKL, 1992). Para uma melhor compreensão, o autor proporcionou a seguinte distinção entre a religião (forma) e a religiosidade (conteúdo) por meio da metáfora da linguagem:

Para mim as religiões são linguagens confessionais. A partir de diferentes lados a gente se aproxima da verdade por meio de muitos idiomas. É melhor em geral falar a própria linguagem materna, na qual a gente cresceu, como sistema de comunicação, como sistema de símbolos. (FRANKL, 2013, p. 153).

Entretanto, assim como não há uma língua superior, não se poderia conceber que possa existir uma religião mais próxima da verdade, pois todas elas



ajudam o ser humano a se aproximar da verdade, ou a encontrar um caminho até o seu Deus (FRANKL, 2013).

A religiosidade, para Viktor Frankl, como expressão da dimensão especificamente humana, seria um fenômeno humano saudável, ao invés de uma expressão de uma neurose obsessiva da humanidade, conforme se interpreta na perspectiva da psicanálise de Sigmund Freud (1856-1939). Conforme pensa o primeiro autor, a religião só pode produzir efeitos psico-higiênicos, na medida em que a sua intenção final for a salvação da alma e não a cura da alma (FRANKL, 2012). Nessa ótica, Frankl (2012) esclarece que “a psicoterapia não se acha a serviço da religião, assim como a religião não é um meio para o fim da psicoterapia” (p. 132). Entretanto, apesar de não se colocar na posição de serva, essa abordagem não fecha a porta da religiosidade, pois apenas uma pessoa pode e deve escolher: o próprio paciente (FRANKL, 2016), posto que “há pessoas [...] que não interpretam suas vidas simplesmente como uma tarefa a elas designadas, mas também em função do contramestre que lhes atribui a tarefa” (FRANKL, 2010, p. 134).

Embora tanto o homem religioso quanto o não religioso busquem igualmente sentidos, Frankl (1990) admite que para o primeiro poderia ser mais fácil encontrá-los, pois este já crê previamente em um sentido (FRANKL, 1990). Além disso, para o autor em foco, a religiosidade só é autêntica se for produto de uma decisão pessoal e quando for espontânea, ou seja, não pode ser resultante nem de uma pulsão, nem de uma imposição externa (FRANKL, 1992).

No que diz respeito à espiritualidade, na perspectiva da logoterapia, seria constituída por todos os fenômenos noológicos que se originam no espírito humano e representam as duas características antropológicas: autotranscendência e de autodistanciamento, não se restringindo apenas a relação do homem com o supra-Ser. Portanto, abarcaria fenômenos como a liberdade espiritual e a responsabilidade por algo ou alguém, assim como um sentido na vida em uma perspectiva laica. Ademais, quando essa busca pessoal que inclui uma relação dialógica com o supra-Ser, pode ser considerada uma espiritualidade sem religião. Nessa perspectiva, Frankl (2013) considera que “[...] caminhamos para uma religiosidade profundamente pessoal, a partir da qual

cada um encontrará a sua linguagem, própria, pessoal, sua linguagem particular, quando se dirigir a Deus” (p. 127). Nessa direção, torna-se pertinente identificar na obra desse autor casos clínicos que demonstrem esse olhar existencial da religiosidade/espiritualidade, o que é explanado na sequência.

#### **4 Casuísticas espirituais/religiosas no contexto da saúde**

A logoterapia se utiliza da análise existencial e da perspectiva fenomenológica de Max Scheler (1874-1928) para apreender o seu objeto de estudo de forma autônoma e independente, entretanto, foi interpretada por Belzen (2013) como uma Psicologia da Religião a serviço do religioso (*Ancilla*). Não obstante, Frankl (1992) já alertava que a religião seria apenas um objeto e um aspecto humano de uma busca de sentido, e, por conseguinte, dever-se-ia delimitar claramente o campo da psicoterapia e o da teologia para evitar qualquer tipo de psicologia religiosa. Por esse motivo, afirmou que

devemos nos opor a todas as tentativas de incorporar a “assistência médica de almas” à “assistência pastoral da alma” e de exigir que a psicoterapia renuncie à sua autonomia como ciência e à sua independência frente à religião, assumindo uma posição de “serva da teologia”, *ancilla theologiae*. (FRANKL, 1992, p. 57).

Indubitavelmente, a psicoterapia não pode ser serva da teologia, pois a primeira atua no campo ontológico. Mas, na medida em que a religiosidade emerge espontaneamente, pode-se considerá-la expressão saudável da dimensão especificamente humana, pois o terapeuta pode obter efeitos terapêuticos a partir das crenças espirituais (FRANKL, 2010), por esse motivo:

[...] quando um paciente traz, por si mesmo, a convicção de uma crença religiosa, não pode haver objeção quanto ao uso do alcance terapêutico de sua fé religiosa, o que por consequência, acaba por mobilizar também, seus recursos espirituais. (FRANKL, 2011, p. 152).

Na medida em que as questões religiosas do paciente emergem, o médico deveria ter tolerância, se for irreligioso, e paciência, se professar alguma crença, pois “a religiosidade verdadeira, para que seja existencial, deve ser dado o tempo necessário para que possa brotar espontaneamente” (FRANKL, 1992, p. 55). O autor defendeu que a relação do homem com seu Deus pode ser oculta a sua

própria consciência e, por esse motivo, em alguns momentos essa relação com um Deus inconsciente pode emergir (FRANKL, 1992).

Em alguns casos emerge por meio de sonhos religiosos em pessoas irreligiosas (FRANKL, 1992). Entretanto, Frankl adverte que o inconsciente não é divino, não é onisciente e que não há uma pulsão religiosa, pois “a verdadeira religiosidade não tem o caráter impulsivo, mas, antes, de decisão” (FRANKL, 1992, p. 50). Em uníssono com essa perspectiva, Bellantoni (2019) considerou que a religiosidade e a espiritualidade podem se configurar como experiências integrativas e funcionais, constitutivas da busca de significados. Assim, os efeitos terapêuticos da religiosidade decorrem da sensação de proteção e ancoramento proporcionados por meio de uma relação com um Tu transcendente, conforme descreveu Frankl (1992) em suas casuísticas.

A primeira casuísta a ser analisada é retirada do livro: *Em busca de Sentido*, e descreve a história de uma mulher que Frankl encontrou em uma enfermaria em um campo de concentração:

Essa jovem mulher sabia que teria que morrer nos próximos dias. Quando falei com ela, ainda assim estava bem disposta. "Sou grata a meu destino por ser assim tão duro comigo", foi o que ela me disse textualmente, "pois em minha vida burguesa anterior eu tive tudo o que quis e minhas ambições espirituais não eram lá muito sérias." Em seus últimos dias ela estava completamente ensimesmada. "Essa árvore ali é única amiga em minhas solidões", disse-me ela apontando pela janela do barracão. Lá fora um castanheiro estava em plena florescência e do catre da enferma podia-se enxergar, pela pequena janela do barracão da enfermaria, um único ramo verdejante com duas flores. "Com essa árvore eu conversei muitas vezes", disse ela. Fico meio desconcertado, sem saber como interpretar as suas palavras: Estaria ela sofrendo de alucinações e delírios? Por isso lhe pergunto se a árvore também lhe responde - sim? - e o que lhe estaria dizendo. Respondeu-me: "Ela me disse, estou aqui, eu - estou - aqui - eu sou a vida, a vida eterna..." (FRANKL, 2010, p. 92-93).

Nessa primeira casuística a religiosidade emerge em uma situação-limite, nos campos de concentração, como um fenômeno que busca aplacar a falta de sentido na vida anterior e, concomitantemente, dar significado a um destino sofrido tendo em conta que ela não dava a sua devida atenção a sua vida espiritual. Para atestar a autenticidade da experiência, Frankl inquiriu acerca da resposta da própria árvore. A vivência é geradora de sofrimento psíquico, como por exemplo, autoacusações e/ou difamações dirigidas ao *self*, ou é uma

experiência que gera uma maior integridade com o momento que está vivenciando e com a sua própria biografia?

Neste caso, emergiu uma religiosidade oculta, que teve por finalidade romper com a sua solidão: “eu estou aqui”, assim como confortá-la: “eu sou a vida, a vida eterna”. Constata-se que a religiosidade saudável se manifestou por meio do diálogo com um Tu transcendente, nos solilóquios mais íntimos do homem religioso (Frankl, 1992).

Por ser uma ciência noológica, não se pode reduzir as experiências espirituais a nada mais que sintomas ou transtornos. Dessa forma a logoterapia ensina a não patologizar a experiência religiosa, pois esta poderia expressar a dimensão saudável do ser. Nessa direção, Frankl descreve outro caso com conteúdo religioso:

Conhecemos um caso no qual uma jovem moça apresentou uma profunda alteração de sua personalidade no decorrer de um grave estado maníaco recidivo de excitação e perturbação, a ponto de – contrariando a extrema superficialidade que ela manifestara até então *in eroticis* – repentinamente demonstrar uma afeição comovente e uma ternura emocionante; sobretudo, porém, a ponto de um dia ser encontrada de joelhos, em prece devota – poucas horas antes de um enfraquecimento que a levaria a morte. (FRANKL, 1991, p.190).

A interpretação do autor sobre esse caso foi a de que a religiosidade pode se manifestar em um contexto de transtorno psíquico, enquanto que na vida ordinária permaneceria latente. A oração, ou neste caso a “prece devota”, “[...] é o único ato do espírito humano capaz de tornar Deus presente como Tu” (FRANKL, 1978, p. 278). O ser humano personifica o Tu transcendente no momento da prece, preservando a sua humanidade sã no ato de tutear, o que Frankl (1978) considera que “[...] a personalidade de um indivíduo se desvenda no instante em que se lhe diz ‘tu’” (p. 278). Assim, os fenômenos noológicos podem se manifestar apesar do *phatos*.

Outrossim, o gesto simbólico da paciente, em estar de joelhos, demonstra possivelmente que há uma forma herdada da sua crença tradicional pela qual permite expressar a sua religiosidade. Frankl (1978) concebia que o fervor religioso seria amorfo e, por esse motivo, precisaria fluir como águas no rio pré-formado do rito. Não obstante, alerta para os perigos do enrijecimento da

religiosidade por meio da “coagulação do conteúdo religioso”, ou seja, daqueles cultos que resultam em uma expressão estática da fé.

Nessa perspectiva, apresenta-se um fragmento de um caso clínico que manifesta um aspecto negativo da crença religiosa e o seu respectivo manejo clínico. Trata-se de uma paciente com câncer em cuidados paliativos, que após uma investigação acerca dos sentidos que realizou na vida passada, surge uma problemática religiosa:

P: [...] É verdade, tive que sofrer muito. Mas procurei ser corajosa e firme para suportar o que tive que suportar. Veja doutor, eu considero meu sofrimento um castigo. Eu creio em Deus.

F: (procurando colocar-se no lugar da paciente) Mas o sofrimento não pode ser uma provação? Não é possível que Deus queira ver até onde Anastasia Kotek é capaz de suportar? E talvez tenha tido de admitir: “sim, ela tem sido realmente corajosa!” E agora me diga: É possível eliminar do mundo uma realização dessas, senhora Kotek?

P: Certamente ninguém pode fazer isso!

F: Isso continua sendo realidade, não é?

P: Continua!

F: O que conta na vida é realizar algo significativo. E é exatamente isso que a senhora fez. A senhora fez de seu sofrimento o melhor [...]. (FRANKL, 1989b).

Nesse fragmento pode-se observar o manejo terapêutico que Viktor Frankl utilizou quando a paciente desvelou a sua religiosidade. A princípio o enfrentamento religioso da senhora Kotek foi negativo ( *coping* negativo), pois considerava o sofrimento como um castigo divino. A intervenção terapêutica, por meio de um diálogo socrático, constitui-se em ampliar as possibilidades de interpretações acerca do seu próprio sofrimento, inserindo ideias para que ela pudesse concordar ou discordar e, assim, poder morrer de forma mais reconciliada com a vida.

Nesse sentido, Frankl utiliza a religiosidade da paciente para clarificar novos significados, e, por conseguinte, encontrar novas formas de resistências no espiritual do paciente. Observa-se que em nenhum momento o terapeuta assumiu o lugar do sacerdote, que tem por finalidade salvar as almas, mas tão somente utiliza a religiosidade do paciente para produzir efeitos terapêuticos na medida em que emerge o *homo religiosus*.

Em contraste, Frankl (2003) cita em seus livros uma intervenção realizada por um outro terapeuta, em uma perspectiva diferente da logoterapia, junto a uma paciente com câncer que se debate acerca do sentido:

Sabe doutor, não consigo aceitar que a minha vida agora tenha tão pouco sentido. Sou inútil, estou presa a esta cama. Isso é muito duro. [...] Veja, a senhora se engana ao dizer que agora está tudo mudado e que isso é terrível; que antes a sua vida tinha sentido, e agora não o tem. A sua vida nunca teve sentido. O contrário não passa de uma ilusão forjada por algumas pessoas, que os filósofos e teólogos nos querem impingir. A vida não tem sentido. Nunca o teve. Portanto, a senhora não tem que queixar-se. Não há diferença alguma entre a sua situação atual e a passada. (FRANKL, 2003, p. 41-42).

Nesse caso Frankl (2003) argumenta que o psicoterapeuta não ressaltou a dignidade da pessoa, que a vida humana possui um valor que está além da sua utilidade e nem argumentou a possibilidade de encontrar sentido em um destino imutável. Em todo caso, o sofrimento e a finitude mobilizam o espírito humano na busca de um sentido para a vida, ao qual pode ser encontrado seja por meio da religiosidade, seja da espiritualidade.

### **À guisa de conclusão**

A psicoterapia e a teologia caminham em níveis distintos, enquanto a primeira está para a cura da alma, a segunda deve permanecer com a sua finalidade salvífica. Por esse motivo, “O psiquiatra também não tem a tarefa, digamos, de tornar o homem outra vez capaz de crer e de o conduzir para a religião” (FRANKL & LAPIDE, 2013, p. 86). Entretanto, como o leitor pôde constatar por meio das casuísticas apresentadas, a dimensão religiosa/espiritual pode emergir em determinados contextos clínicos, cabendo ao terapeuta uma postura adequada: nem impor alguma religiosidade, nem tampouco reprimir os sentimentos religiosos e as inquietações espirituais dos pacientes.

No meio termo de ouro, Viktor Frankl encontrou a religiosidade latente que, por vezes, se manifestava ou em situações limites ou na condição de *homo patiens*. O autor supracitado se curva diante da manifestação do humano, e não fecha a porta dos atos espirituais, já que o papel do logoterapeuta é sempre ampliar a expressão saudável do espiritual. Portanto, respeita-se a decisão do paciente em cruzar o limiar da porta da religiosidade, desreprimindo a

espiritualidade inconsciente. Entretanto, torna-se necessário deixar claro os limites entre psicoterapia e religião, pois ambas trabalham com escopos distintos.

A logoterapia, como foi observado anteriormente, não é *ancilla* da religião, pois permanece com sua autonomia apesar de reconhecer os fenômenos genuínos e salutogênicos da espiritualidade e da religiosidade. Similar ao xamanismo, a logoterapia está mais preocupada com o espiritual que se oculta por trás do psicofísico, do que a cura do corpo, pois pressupõe que realizar valores e ter a consciência de um sentido na vida é uma condição necessária para a sobrevivência do *homo humanus*.

Sobre a pergunta inicial do presente manuscrito, “qual o papel da religiosidade e da espiritualidade no contexto da saúde?”, pôde-se constatar que a religiosidade se constitui como um movimento humano para resgatar a dimensão saudável que se oculta nos momentos de adoecimento do psicofísico. Não obstante, a espiritualidade humana irrompe como uma força salvífica em diferentes aspectos existenciais.

Por fim, atenta-se para o processo de desumanização no contexto da saúde quando os fenômenos especificamente humanos são negligenciados ou reduzidos a nada mais que ilusões. Nesse sentido a missão principal da logoterapia, em contextos diversos, seria o de reumanizar, proporcionando a expressão do espiritual, deixando emergir as questões existenciais e religiosas de forma espontânea.

## REFERÊNCIAS

ACHTERBERG, Jeane. **A imaginação na cura: xamanismo e medicina moderna**. São Paulo: Summus, 1996.

BELLANTONI, Domenico. **Religione, spiritualità e senso della vita**. Milão: Franco Angeli, 2019.

BELZEN, Jacob. Constituição histórica da psicologia científica da religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (orgs.). **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013. p. 319-331.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Editora Pensamento, 2007.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

FRANKL, Viktor Emil. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

FRANKL, Viktor Emil. **Psicoterapia e sentido da vida**: fundamentos da logoterapia e análise existencial. São Paulo: Quadrante, 1989a.

FRANKL, Viktor Emil. **Um sentido para a vida**: psicoterapia e humanismo. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1989b.

FRANKL, Viktor Emil. **A questão do sentido em psicoterapia**. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

FRANKL, Viktor Emil. **A psicoterapia na prática**. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

FRANKL, Viktor Emil. **A presença ignorada de Deus**. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1992.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2010.

FRANKL, Viktor Emil. **A vontade de sentido**: fundamentos e aplicações da logoterapia. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, Viktor Emil. **Logoterapia e análise existencial**: texto de seis décadas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FRANKL, Viktor Emil. **Teoria e terapia das neuroses**: introdução à logoterapia e análise existencial. São Paulo: É Realizações, 2016.

FRANKL, Viktor Emil; LAPIDE, Pinchas. **A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido**: um diálogo. Petrópolis: Vozes, 2013.

HESSEN, Johhanes. **Teoria do conhecimento**. Coimbra: Armenio Amado, 1968.

LUKAS, Elisabeth. **Logoterapia, “a força desafiadora do espírito”**: métodos de logoterapia. São Paulo: Loyola. 1989.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.

RIES, Julien. Os ritos de salvação-saúde nas religiões do passado. Interferências histórico-religiosas entre saúde e salvação. *In*: TERRIN, Aldo Natale (Org.). **Liturgia e terapia**: a sacralidade a serviço do homem na sua totalidade. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 41-62.